



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 342 — Preço 1\$00
13 DE ABRIL DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

Procuram-se em fontes seguras, para esconder a lenda, elementos que permitam reconstituir a vida escolar do P.e Américo.

Enquanto não chegam, seja-me permitido evocar os nossos tempos na Escola Régia de Galegos, que frequentamos ambos e ao mesmo tempo.

A mais de meio século de distância as recordações chegam-me esbatidas e confusas. Valeu-me ainda assim, andar pelos sítios, em peregrinação de saudade, a evocar e reviver, sob a sugestão do cenário quase intacto, as mil coisas imponderáveis que entram e ficam na estruturação do nosso modo de ser.

Lá está ainda tudo efectivamente: a dependência duma casa modesta alugada para servir de escola, as duas ja-

nelas sobre o caminho onde nos debruçávamos à espera do Mestre, os recantos e brechas onde jogávamos as escondidas e, com relevante poder evocativo, o cruzeiro, o venerando cruzeiro do adro paroquial.

Verdadeiramente só ali pude rever-nos com nitidez, o Américo e eu, sentados nos degraus musgosos, à hora da merenda, a mastigar à pressa o naco de boroa com o apesigo que calhasse; à pressa porque o tempo era pouco e a brincadeira aliciante.

* *

O Américo era, por família e índole, um menino de boas maneiras, trajando bem, alegre sem estúrdia, afável e acolhedor para todos. Filho de gente de meios e muito considerada na terra, não tirava

daí partido para se impôr. Era como nós e nós apreciávamos aquela simplicidade sem basófia.

O que ele era, e nisso punha alguma vaidade, era um exímio jogador de pião. Lançava-o com gana, fazia-o zunir e adormecia-o em redopio velloz na palma da mão. Eu insistia mais pelo jogo do botão. Era mais emocionante. Ganhava-se e perdia-se. E com ele era delicioso, porque nunca nos levava à ruína. Quando nos via desolados de perder, jogava mal de propósito para nos deixar ganhar até que o nosso pecúlio de botões — espécie monetária das nossas transacções — estivesse refeito.

Belos tempos! O P.e Américo recordava-os com saudade. Estou a ouvi-lo dizer-me, como para cimentar a nossa recíproca confiança:

— O... olha que nós jogamos ambos o pião...

E outras vezes, muitas, formulava um desejo:

— Porque não reunes em tua casa os nossos antigos companheiros de escola? Ainda há muitos vivos.

E começava a citar nomes: — Fulano (era um magistrado), sicrano (era um mendigo). E outros assim à mistura.

Bom e querido P.e Américo, partiste antes que chegasse a fazer-te a vontade!

* *

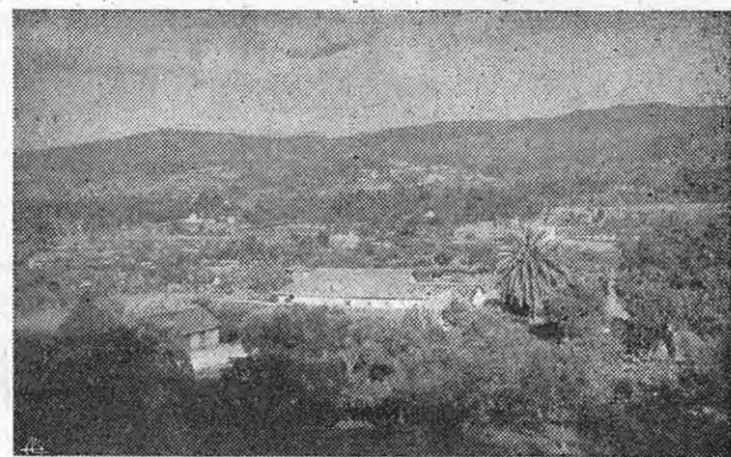
Era nosso professor o Senhor Pinto, um homem alto e entroncado, de barba toda, muito bom e muito nosso amigo. Queríamos-lhe muito apesar de certo apetrecho didáctico de que não prescindia na altura conveniente.

Às vezes descia ao cruzeiro no fim da sua merenda frugal e entrava na venda do Sr. Cunha para heber meio quartilho. Era raro mas acontecia que, encontrando ali amigos, se enleava na conversa. Palavra puxa palavra, palavras puxam caneca e por ali se deixava ficar para além da hora. Mas vinha à porta e comandava:

— Girem para a escola que eu já lá vou ter.

E nós girávamos em galhofa e satisfeitos, porque nos palpitava que naquela tarde escapariamos à bolaria do costume. Para mais perfeita tranquilidade, quando a demora se prolongava, algum de nós — e o Américo estava ao nó para a função — descia surra-

— Continua na segunda pág. —



A velha casa do Bairro. — A 1.ª janela da esquerda é a do quarto onde Pai Américo nasceu.

Tribuna de Coimbra

À medida que os nossos trabalhos aumentam, por dispersos e deslocados que são, mais nós saboreamos este método de educação do rapaz, para o rapaz, pelo rapaz. Se não fôsse assim, nunca poderíamos arredar pé. E se tivéssemos de sair, a nossa ausência seria motivo de desordem.

Assim, não. Raro passamos um dia todo em casa. São recados em Coimbra; é a vida de vinte rapazes do lar; são as aflições dos Pobres em suas casas; são os doentes a pedir uma visita; e é, acima de tudo,

o cuidado do Património dos Pobres.

A nossa mala tem que estar sempre aviada. Basta pegar na chave da Opel e andar.

Não quer isto dizer que em casa corra sempre tudo bem. Se assim fosse a vida não seria normal.

O primeiro grande espanto dos que nos não conhecem por dentro é quem nos substitue quando não estamos presentes. A nossa resposta é sempre um sorriso de confiança e esperança. Vejamos.

Ontem o Ruizito, o Toninho e o Fernandito, que ainda não têm idade de escola, andavam a brincar no campo e, de repente, resolveram ir apanhar erva para as ovelhas. Na sua inocência, a primeira pergunta entre eles foi: «e qual é o chefe? Sou eu», respondeu um deles. E foram à erva.

O responsável é escolha do próprio rapaz. São eles. Eles é que tomam conta, mesmo que nós estejamos. Na nossa ausência o chefe toma mais responsabilidade e todos tomam mais respeito. Actualmente o chefe tem dezanove anos e é serralheiro e o seu ajudante tem dezoito e sabe de campo, de sapateiro e da bola.

Há dias no nosso Lar, um dos rapazes veio ter comigo e pediu-me para eu chamar um outro e o aconselhar, porque anda com um mau companheiro de trabalho. «Olhe que o companheiro dá cabo dele».

Chamei o rapaz e disse-lhe do perigo em que andava e ele reconheceu. Espero que reaja. Assim o prometeu.

Ai de nós se não fosse assim! Cada rapaz precisaria de um vigilante! E aí da recuperação destes rapazes se não fossem objecto de confiança e de amor. Quem conseguiria alguma coisa deles? Eles, os esconjurados

— Continua na quarta pág. —

BARREDO

Hoje foi um repisar passadas de muitas vezes. Altar nos Congregados, cafêzinho a um canto do Imperial e depois..., Mousinho da Silveira abaixo. Uma acção de graças que Pai Américo rezou repetidamente nos derradeiros catorze anos do seu apostolado.

Entre pela Rua do Souto. Na véspera tivera carta da aquele lugar de morte «Eu..., solteira, venho recorrer ao coração de V. Rev.ª afim de lhe expor o seguinte.

Não conheci meus pais, tendo sido recolhida num colégio. Por infelicidade minha quando saí, fui enganada por um namoro tendo uma filha de 11 anos. Desde esse momento tenho sido uma infeliz, pois já tenho duas meninas e um rapaz de 4 anos feitos em Dezembro último.

Não tenho ninguém que me ajude, sou só eu na minha triste vida que ganho para todos, além disso pago 13\$00 pseudos diários de aluguer. Vejo-me e desejo-me para poder viver: as despesas são certas, mas os ganhos são incertos».

Quere que eu lhe tome o filho, «para amanhã ser um homem útil à sociedade, caso contrário que será ele um dia? Mais um desgraçado, mais um infeliz».

Esta mulher não perdeu a consciência do Bem e da Ver-

dade. «Sou só eu na minha triste vida...» «Por infelicidade minha...» Não quer que o seu filho seja amanhã «mais um desgraçado». E, rasgando o seu coração aonde a maternidade se não apagou, apela para o meu, que «ele (o pequenito) é bastante inteligente, esperto e muito meigo».

Entre pela Rua do Souto. Passei-lhe à porta. Cruzei com muitas. Quem sabe se com ela? Não bati. Não disse nada. A minha mente acorreu a informação: «...ele é bastante inteligente e muito meigo.» Inteligência e amor. As duas marcas do Divino em nós. E essas, no pequenito, a Mãe quer dar-mas a mim, que ele não tem pai para as merecer e ela não pode, porque «sou só na minha triste vida».

Senhor Deus, bendito sejas pelo entendimento que me deste da «pars hereditatis meae» que Tu és para nós na pessoa do mais pequenino dos irmãos! A nossa pobreza, o nosso celibato constituindo-nos herdeiros desta riqueza insuperável: «ele é bastante inteligente e muito meigo». E a mãe, essa, por amor dele, mergulha na sua

— Continua na segunda pág. —

Visado pela Comissão
de Censura



solidão: «Sou só na minha triste vida». Oh mundo! que contas erradas são as tuas!

Tornei a esquina daquele lugar de morte e começo a descer a Banharia. Subo a visitar o sapateiro paralítico. Abri-me a porta. Estremeci. Se não fora a força trazida do Altar eu não tinha avançado. Do quarto escuro de 2x3 metros, saiu uma lufada de ar quente e viciado que me fez vertigem. À luz das 25 velas duma lâmpada o nosso homem «entretinha-se» a remendar uns

— Continuação da primeira pág. —

sapatitos. Ao lado, o neto de 2 anos. Mal se endireita ainda. O pai anda no rio. Deu-lhe 20\$00 escudos em dois anos. O resto tem-no gasto a «gozar» a vida.

A meio dos Mercadores é a casa daquela que apeteceu um bife. A última vez disse que fora chamada ao sanatório. Foi sim, mas foi tarde. Esteve lá quinze dias. Preparou-se para as contas finais e veio morrer a casa. Ainda não passou um mês. Nunca vi

ninguém tão compostinho». — disse-me dela uma das vizinhas.

Duas portas a caminho do rio é aquele «arranha-céus» que custa muito a subir! Tanto... que uma delas já não vem cá abaixo. A outra espera à porta o tostão de quem passa.

Depois foi a Rosinha. «Tantos dias que o lume não se acende aqui em casa e V. tão raro cá vem». Nunca ali vou que ela não ralhe comigo. Ela tem razão. Não tem que compreender porque não vou mais vezes. Basta-lhe a realidade de «tantos dias que o lume não se acende aqui...»

Passei pelo Arco do Barredo, de visita ao «José da Cadeirinha». Dali a casa da mãe do Edmundo é um salto. Ela queria uma missa por alma dele no dia dos seus anos. Escrevi na agenda. Querendo Deus será em 22 de Abril.

A meio das Escadas do Barredo, mora a Mãe do Zé da Lenha. Ele escrevera-me. «Quando for ao Barredo, pergunte pela Beatriz». Perguntei. Perguntei até a ela própria. O sítio é formoso. Vistas bonitas sobre o rio. Dentro as perspectivas são mais sombrias. Há injeções e comprimidos. Fichas da Carvalhosa. Fumo nas paredes e no tecto. Sombras nos pulmões que a gente não vê, mas adivinha.

Era quase meio dia quando voltei daquele mundo.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

OS NOSSOS POBRES: Andamos — há que tempos! — para dar notícias dos nossos amores. Mas que, a falta de espaço continua a limitar-nos. Entretanto, vamos publicando e jamais podemos deixar de publicar os vossos donativos. Pela sua quantidade, pela sua qualidade, mais por esta que por aquela, podemos inferir quanto Deus é por nós e pelos nossos Pobres.

O QUE RECEBEMOS: Alcanena, assinante 7.240, 50\$00. Porto, idem 29.418, 20\$. Mais Porto, idem 4.893, 50\$. Outra vez Porto, n.º 9.358, o mesmo. Montargil, 40\$ do assinante 5.031. Caldas da Rainha, n.º 31.414, 10\$. Porto, n.º 20.554, 50\$. Lisboa, n.º 20.771, 50\$. Parede, igual quantia do assinante 11.866. E mais 50\$, são do n.º 1.251, do Porto. E mais Porto: Leopoldino Pereira e José Rocha 20\$ de cada. Que «invasão» de Porto: tão pacífica, tão generosa, tão amiga! Ai Porto!... Rio Tinto vem lá, pela mão de Dr.ª Alda Monteiro, com 5\$00, sobras dum pagamento à Tipografia. De uma nulidade, 120\$00. Quanto mais «nulos», mais de Deus. O Reino do Pai Celeste é, mesmo, para os mansos e humildes; para os que — muitas vezes! — à vista do mundo são uma nulidade. O costume costumeado da assinante 17.022, 40\$. Torres Novas, assinante 8.114, 50\$. Por fim, uma nota de ternura: «Passando no dia 6 o primeiro aninho da nossa filhinha, Maria, Guilhermina, envio 50\$00 que gostaria fossem empregados a uma menina aproximadamente da idade da nossa». Reparem nos «inhos»; os ternos, os amorosos, os insubstituíveis diminutivos da Mãe.

Júlio Mendes

Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira pág. —

teiramente ao lugar e postava-se à esquina da venda a prescrutar o pé em que as coisas estavam. Se a voz do velho professor se percebia fanhosa, arrastada e húmida, o mensageiro chegava ofegante à escola e da porta anunciava em delírio:

— Já está...

Todos entendíamos e o leitor também entendeu. Esfregávamos as mãos com fúria satisfeita, sorriamos com malícia, a algazarra recrudescia e entrava no ar um sabor a figos.

A hora de largar o professor aparecia, rubicundo e feliz, amparando contra o peito um grosso saco de papel. Eram figos. Jogava-os para o ar em punhados e gozava, vendo-os pular, empurrar, socar, no afã do «quem mais apanha».

Depois despedia-nos:

— Para casa direitinhos. Para amanhã vem a mesma lição.

Com que ternura no olhar e na voz lhe dizíamos ao pegar nas sacas:

— Até amanhã, Snr. Mestre!

E pelo caminho comentávamos com sinceridade: «Que bom o nosso Mestre!». E acertávamos pelo número de figos o grau de agilidade de cada qual.

Era muito bom o Senhor Pinto, sim senhor, porque uma vez não são vezes e no resto era zeloso, competente e cumpridor. Até o Américo saboreava os figos, concordava connosco e, apesar de ponderação e grave, desculpava e absolvía.

Naquele tempo a escola não era assim muito «risonha e franca», nem a vida mimosa e fácil.

Eu conto ainda um episódio que retrata a época sob muitos aspectos, melhor que descrições ou estatísticas.

Andava connosco na escola um rapazinho franzino e pálido, que veio a falecer muito novo. Era o Chico e morava longe. Certo dia chegou à aula muito tarde. A leitura tinha já corrido o seu giro e o ditado ia no meio. Empurra a porta e encaminha-se muito receoso para a mesa do professor.

— Bom dia, senhor Mestre, balbucia a medo.

E ia mirando com os seus olhos de carne os olhos metafóricos da palmatória, bem torneada e polidinha do uso, que o espreitavam dentre a rima das cópias.

Mestre Pinto endireita-se solene na sua cadeira de braços, tira os óculos para ver melhor e increpa-o com severidade:

— Então isto é que são horas de vir para a escola?

— A minha mãe deu-me o café muito tarde, justificou-se o Chico.

— O café!!!, salienta atónito o Sr. Pinto.

E voltando-se para a malta:

— Vocês ouviram? Este to-ma café!! Pois por isso, pois por isso...

Dali por diante era sabido:

se o pobre Chico dava silabas na leitura, errava as contas ou se engasgava na tabuada, logo o professor trovejava para a assistência gozadora:

— Pois claro, tu tomas café... Come caldo, meu b..., come caldo com a nós!

Foi nesta época e sob este clima que o P.e Américo foi ensinado a ler e aprendeu a ser gente.

Naquele tempo era assim a escola e a vida.

P.e Avelino Soares

O que nos dão no Tojal

No intuito de conseguir a felicidade, o homem tem conjugado os verbos mais variados, mas raramente com eficiência.

Ora, eu quero chamar a atenção para o verbo «dar-se». Aquele que na verdade, lhe conjugava o indicativo presente é totalmente feliz. Mas «dar-se» por amor a uma causa nobre! E que mais alto pode haver do que a dos nossos Irmãos Pobres, imagens do Deus vivo, escondido é certo, em andrajes e tocas?

Abrem-se hoje no mundo tantas portas para tornar o homem feliz: — a da ambição, a do sensualismo, a dos divertimentos, e outras que todos conhecem. A da Caridade tem-se mantido patente ao longo dos séculos, mas poucos se afoitaram a transpô-la, talvez por escassas vezes dar prazer natural, mas só angústia e dor. Pois a Caridade é passar para nós os sofrimentos alheios. Contudo é desta permuta que resulta a alegria: nunca se colhe tanta como quando amamos com sacrifício total de nós mesmos. A alegria vem do Alto, passa para o nosso íntimo e aflora-nos no rosto. Tornar os outros felizes amando-os, é ser sumamente feliz. E se operamos desinteressadamente sem esperar recompensa, a Caridade é perfeita e a alegria indizível. Eu via estampada na face de quem outro dia se negou a revelar o nome ao entregar-me seis contos no Lar de Lisboa. Adivinho-a em cada do-nativo singelo de que faço aqui menção. Felizes os que sabem dar com inteligência e amor.

Duma admiradora da Obra da Rua 100\$. Outro tanto no Lar, 200\$ da R. Moraes Soares, 180\$ de gente nossa amiga e três mensalidades de 50\$ de alguém que também nos ama.

Dois universitários apresentam-se com 120\$ o voltam costas sem dar tempo de os fixar. Mais 50\$ e estas linhas de meditação: «O Pai Américo sem me conhecer ensinou-me a viver cristamente. Fez-me ver que apesar de todo o mal que nos rodeia, e de todos os perigos que nos ameaçam é possível viver sem pecar. Não sou gaiato mas também acho que ele é o Pai Américo, porque só um verdadeiro Pai se preocupa com a felicidade autêntica dos filhos».

A Câmara de Loures com três mil escudos. No Monumental os espectadores quiseram iniciar o novo ano com um acto de generosidade, e recolheram 1.197\$ para os nossos rapazes. Mais 60\$ em Lisboa.

— Continua na quarta pág. —

Do que nós necessitamos

Mais esta carta: «Tenho 23 anos, trabalho em casa; ocasiões mais, outras menos que fazer».

O que ganho entrego a meus Pais; fico apenas com uns escassos escudos, o que me obriga a levar tempo a juntar para tudo quanto quero. O que às vezes entrego, aos vendedores do «Famoso» é uma insignificância, como o é esta que envio. E manda 27\$50, fruto Deus sabe de quanta heroicidade. Oh beleza! Oh devoção!

Mais 20\$, «resultado duma aposta e apenas pedindo uma Avé Maria pelo vencedor e pelo vencido». Ora aqui está cavalheirismo. «Um pouco do meu primeiro ordenado para os filhos dilectos de Jesus, os Pobres»: cinquenta. O mesmo de M. A. V. pelo exame de seu filho. E o dobro, também de um primeiro ordenado, «com a esperança de poder continuar».

Agora é África. «Uns poucos de simpatizantes da Diamang» não querem chegar atrasados e aí vêm com 1.000\$00 e «muita simpatia para a Páscoa da Casa do Gaiato». Da Beira, 200\$ da Bertina; 100\$ de Robert Williams. O mesmo da Baía dos Tigres, «em acção de graças pelos benefícios que Deus me tem concedido». Que bonito uma alma para quem orar é antes de mais acção de graças! Finalmente é Amboim, alguém da Companhia Angolana de Agricultura com 3.000\$00, «parte do cumprimento de uma promessa».

A Johannisberg mais uma vez não foi expressamente lembrada. Eu é que de tanto me lembrar dela e tanto a desejar, lhe reservo duas pequeninas boladas para amortização: 200\$ de Lisboa «para o que mais necessário for» e mil da mesma origem e com o mesmo fim.

«Directores e empregados duma Companhia de Seguros, reunidos num almoço de confraternização, colectaram-se e apuraram 300\$, que gostosamente enviámos. Da Covilhã uma tarifa com 10 quilos de fazendas de lã. Da Rua do Almada toda a tinta Murágua com que se vai pintar o novo edifício da adega. E, mais uma vez, serra de fita daquela empresa já aqui falada!

Os nossos Pobres nunca são esquecidos pelos leitores. E alguns há tantos anos! Entre eles conta-se «a viúva de 8 filhos» com 120\$00 de Luso—Angola e 100\$ de Tomar relativos a Janeiro e Fevereiro e outra vez Tomar com mais 50\$ e esta carta:

«Completem-se agora em Março, não me recordo quantos, mas já alguns que «O Gaiato» fez o apelo para «o verdadeiro sentido de bem fazer», em que pedia o auxílio de 50\$ por um ano, para cada um dos cinco filhos que então tinha sem pão, a «viúva dos 8 filhos». Fazendo minha a dor dessa mãe — pois também tenho uma filha criança — corri logo a enviar os 50\$ mensais e continuei até hoje.

Agora porém, penso que já não é este «o verdadeiro sentido de bem fazer», pois que os três filhos que já então ganhavam, hoje devem ganhar mais por terem mais idade; e os outros cinco também já mais algum ganha o seu pão, e então são eles os primeiros a terem obrigação de ajudarem a mãe. É com grande sacrifício que dou esta esmola, pois é fruto de muita economia e privação, e só a dou na esperança de que ela vá ajudar a sarar alguma ferida dolorosa.

Pelo que acabo de expor e, sabendo que quando alguém manda para aí dinheiro «sem destino» ele tem sempre o «melhor destino» daqui em diante mandarei quando puder.

Gazi manda 200\$, continuação das migalhas. Quatro vezes menos dos «dois amargurados», 50\$ de M. L. T. M. e dez vezes mais «em acção de graças por mais um aniversário que Deus me deixou ver os meus filhos».

150\$ para três doentes pobres da Av. de Roma e 70\$ e o pedido de orações pela saúde do marido e filhos e «pela minha para os crias». Outros 100\$ para os nossos pobres e 20\$ da Maria de Seia e outra vez 200\$ «para mais uma luz acesa a N. Senhora» por uma doente que vai ser operada. Uma anónima de Ilhavo abre a mão e deixa mil. «Os restantes 100\$ dados pela minha mãe, por alma da minha avó». É Lisboa. E duas camisolas de Évora e mais um embrulho delas no Lar. E 100\$ de algures «pedindo em troca uma oração de rapazes por um rapaz, meu irmão, que se encontra desempregado há mais de um ano». Uma promessa liquidada com 20\$ e 100\$ do Congo Belga, por alma dum português falecido, e o dobro, «que muito embora insignificante, diz bem a minha admiração».

500\$ de um casal de Medelim agora em viagem para África. O dobro à porta do Lar, depois de um peditório numa igreja do Porto. Dez por alma dum Zeca e «uma pobre agradecida» e tudo quanto vai dar aos Clérigos. 54. E esta carta de «uma torrejana»:

«Leio duma ponta a outra o vosso Gaiato e nunca posso evitar que as lágrimas me corram pelas faces. Lágrimas de alegria, por ver que ainda existe muita gente, que com a sua bondade, consegue amenizar a dor de tantos infelizes; e tirar da lama tantos e tantos rapazes, que hão-de ser os homens de amanhã. Choro também por não me ser possível enviar para aí alguma coisa. Hoje tudo mudou. O que envio é muito pouco, foi-me dado das mãos duma mulherzinha, por lhe ter dado a ela e ao marido umas injeções. Não lhe queria alguma coisa, para a Obra do Saudoso Padre Américo. Eles aí vão, são só 20\$, aceitar dinheiro, mas ela obrigou-me a isso. Assim que o recebi, encheu-me o coração de alegria, ao pensar, que finalmente podia mandar mas vai com eles toda a minha boa vontade.

Peço a Deus que vos dê forças para continuardes com a grande obra que vos foi legada. Que Deus vos encha de Bênçãos, a vós, aos vossos pobres e aos vossos rapazes».

Deus a ouça.

VISTAS DE DENTRO

Com a mesma desordem e prontidão do costume, nos primeiros dias de Janeiro, Manuel Coco aparece com seu balanço dos serviços de cicerone. Pessoas, coisas e instituições dão título a parcelas, de tal sorte, que bem se vê ser a ordem delas arbitrária. Mas o melhor é ler.

«Peiroteu»	930\$00
Jaburú	1.217\$00
Rafael	26\$70
Pirilampo	2.390\$40
Lisboa	893\$00
Mário C. Pobres	610\$50
Braga	1.172\$90
Patrimônio dos Pobres	2.958\$50
Guilhufe III	754\$50
Quim Prozel	84\$50
Teodoro	602\$00
Bombeiro	838\$00
Miguel	662\$20
Fagulha	1.057\$50
Tutoria	1.259\$00
Caracol	2.023\$70
Preto	445\$00
Tônio C. Pobres	1.226\$70
Quico	275\$80
Faisca	336\$70
Nêquita	676\$00
Peixeira	930\$00
Melo	742\$00
Manuel Bucha	413\$00
Baptista	854\$50
Planeta	438\$10
Venda de Candeeiros F.	205\$00
Brasileiro	2.252\$50
Russo	1.778\$50
Zé Luís	1.431\$00
Chico	1.764\$00
Livros Barredo-390	7.800\$00
Assinaturas novas	2.015\$00
Assinaturas A	10.065\$00
Postais 19.818	49.545\$00
Pai Américo	9.172\$70
Campa	3.239\$10
Sr. Padre Carlos	2.327\$50
Ofertas	54.886\$20
TOTAL	170.299\$70

Os chefes: Fabião e Relhas».

Eis um documento prá história da nossa desorganização organizada.



O «Sejaquim». Há para aí alguém que o não conhece? Aqui está todo «lirone» com a sua cana e o Arturito.

Isto aqui é assim. Em certa medida cada qual trata das conveniências inerentes ao seu mister e safa-se por si mesmo das dificuldades.

Recentemente houve de se modificar a colocação dos vendedores. Manuel das Eirinhas que o foi largo tempo em Amarante passou para Barcelos. Ora em antes o vendedor em Barcelos era mesmo de lá. Tinha família. Tinha casa para dormir do sábado pró domingo.

Manuel das Eirinhas a primeira vez resolveu o problema não sei como, mas entretanto lembra-se que certa «velha» amiga de Amarante tinha família em Barcelos. Lembrar-se e escrever foram dois actos sucessivos. E há dias soube eu de tudo isto por um postal da tal amiga de Amarante, aliás dirigido ao Eirinhas. «Que sim senhor, que a casa dos parentes estava às ordens». Eis de como a gente pode tomar conta de tamanha nau: mercê das boas iniciativas particulares.

Por iniciativas particulares. Uma espécie delas já clássica na nossa aldeia são as hortas. Às seis horas, acabado o trabalho, agora que os dias já vão por aí além, os «proprietários» seguem rumo aos seus quintais. São batatas e couves o que por lá tenho visto. Bacalhau é que eu ainda não vi semear em parte alguma. A qui deixo, pois, desde já, a denúncia do mistério de como aparecerá ele quando chegarem as jantaras das aos compadres no tempo da colheita.

Ultimamente houve aí uma questão que pôs na sombra o Suez. Foi assim. Os tipógrafos têm na sua oficina um depósito de petróleo e outro de gasolina prá limpeza das máquinas e pra cozinhar a goma arábica na encadernação. Os cozinheiros usam fogão de petróleo pró estrugido. Era costume estes irem àquela oficina sempre que o fogareiro se esvaziava. Mas outro dia ficaram mal. O guardião dos ditos depósitos impediu. «Não. Fulano (eu) anda sempre a ralhar que a gente gasta muito petróleo e afinal são vocês. Não levam. Vai comprar se quiseres».

E, da cozinha tiveram mesmo que ir comprar, se quiseram...

Passados dias chegou aquele em que se faz limpeza geral à tipografia. Fachinas de calças arregaçadas, baldes e escovas... e sabão. Ora o sabãozinho é indispensável para que a estrega resulte. Um emissário veio à Casa Mãe por ele. Na Casa-Mãe quem prontifica são os cozinheiros. Eles estavam tocados. A ferida era fresca. Voltaram o feitiço contra o feiteiro: «Fulano (eu) anda sempre a ralhar que a gente gasta muito sabão e que se perde muito por aí. Se quereis, vão comprá-los. E eles foram,

sob pena de ficar sem barreira a tipografia.

Ora vejam os senhores de como são, até na Casa do Gaiato, os «tratados de não agressão e aliança mútua»!

Às vezes acontece passar por aí um avião. Mal se ouve ao longe a roncar, aí vem tudo prá rua. Nas escolas nem professor, nem professora—ninguém segura. Nas oficinas idem. Na Casa-Mãe o mesmo. Já tem acontecido o refogado refogar demais e termos visita de «bispo» ao tacho do conduto, porque enquanto há avião não há mais nada. Até as senhoras da rouparia deixam agulha e dedal! Agora mesmo foi assim. A aeronave faz evoluções. A malta também. Há gritos: Viva o Sr. Avião! Há acenos. Há excitação.

Como sempre, hoje foi assim. Eu estou aqui no escritório de Pai Américo, escrevendo estas linhas, de perna estendida por uma topada que me ia deixando sem canelas. Quis ser forte e deixar o avião. Resisti à primeira volta. E à segunda. E depois... fui prá varanda, como os mais para não haver exceção em toda a Casa do Gaiato.

Já dissemos no princípio que cada um procura o mais conveniente ao bom e, sobretudo, ao fácil andamento do seu cargo.

«Limões» é funcionário da ti-



A Casa-Mãe, rendilhada de trepadeiras. A «Câmara» da Cidade dos Rapazes, onde a sineta dá ordens!

pografia e tem obrigação da retrete. Acho que os colegas da oficina não tinham por aí além grande cuidado com a dita. Que faz «Limões»? Um edital. Um edital preso com duas tachas à porta do dito compartimento.

«Peço o favor de não deitar água para o chão porque me dá muito que fazer. Limões».

Mais simplicidade? Mais eficiência? Maior do que esta não há!

Ultimamente têm-nos dado vários rádios usados e em quase todas as casas há um deles, para alegrar os serões familiares de cada uma das pequeninas comunidades. Elas são sete, sem contar o grupo

de «batatas» que ficam ao bafo da Mãe na Casa-Mãe.

Ora os rádios já são usados. Em cada casa são muitos. Um quer o folhetim radiofónico, o outro música portuguesa. Muitas mãos. Uns botõesinhos que andam à roda. Resultado: avarias constantes e mais tempo sem rádios que com eles. Outro dia chegou a conta dos últimos concertos: lá por aí fora. Eu puz as mãos na cabeça. Que não autorizava mais arranjos. Que quando se acabasse o rádio, se acabava. O único espectador da minha aflição era o «Tomar», o chefe de gabinete, que pôs fim às lamentações com um remate directo e certo: «É verdade. Muito dinheiro e pouca música».

SETUBAL

Padre Baptista

tar vícios e aconselhar adequadamente em ordem à limpeza, ao governo da casa. Quanta falta de higiene por falta de estímulo! Quanta ausência de conforto doméstico pela mesma razão! Quanto desgoverno por não haver mão amiga a ensinar!

Eis uma vereda vicentina.

Mas, se nem sempre, aqui e além a miséria é sem dúvida resultado da penúria de recursos materiais. Ontem tive ocasião de apalpá-la, bem perto. Um grupo de rapazes acompanhou-me e foi testemunha.

Em meio de extensa vinha alheia, entramos num pardieiro. Dentro, quatro paredes limitavam o espaço total. No chão térreo, uma cama de ferro coberta com uma esteira, sobre a qual pernoitam pais e filhos. Uma lareira, umas cavacas e mais nada. — «Que foi hoje o comer?» — Obtive em resposta um encolher de ombros, sinal evidente de que aquele muito deficiente deve ter sido. Indaguei mais e fi-

quei ciente de que se tratava de pedinte, que nada de seu possui a não ser a mulher doente e os filhos com fome. Lastimou que já não é aceite para trabalhar por causa da idade e das poucas forças. Não se atreve a pedir e passa mal. «Anseia a hora de descansar ao lado dos dois filhos que a terra já comeu»!

Este modo de pensar é consequência lógica dum sofrer constante e sem refrigério. A miséria voluntária ou involuntária nunca é digna condição humana, muito menos estado normal onde o homem possa calmamente adivinhar valores maiores. Só a Caridade pode despertar estas consciências ofuscadas pela miséria, libertando-as dela. Por amor que o vicentino lhes devota, aquelas descortinam a Deus que é Amor.

Porque a falta de meios inferioriza o homem diminuindo-o a seus próprios olhos, a ponto de se envergonhar dos homens, são precisos recoveiros que os descubram. Se no desleixo que conduz à miséria se impõe a obra de caridade que restaure, aqui com maior razão. É outra vereda vicentina.

Chales de ORDINS

Perguntei há dias ao carteiro se andava zangado comigo... É que, se houve ocasião em que lhe ouvi: «Ordins bate em registos a Casa do Gaiato» — tal o alívio, por vezes, de correspondência, agora, nestes dois últimos meses, lutamos com o inverno, de modo que estamos quase parados desde Janeiro. Em Ordins há sempre falta de alguma coisa. Há encomendas? Falta-nos a lá. Há lá? Faltam-nos as encomendas. No princípio do inverno, é quem mais nos procura. Agora é Ordins que vos procura, para ter, ao menos, pão em abundância.

Não mendigamos de ninguém a «sua opinião» sobre os chales, mas, irresistivelmente, quem nos bate à porta diz da sua justiça. Mafra confessa: «achei-o muito bem feito e muito bonito». Lisboa fica maravilhada: «fiquei, (ou melhor), ficamos encantados com os 3 chales! — Que lindos! Tão quentinhos!... Tão bem confeccionados!» A Madeira diz de nove recebidos: «que quentinhos que são para os meus pobrezi-nhos».

O que segue não é uma lista fria de nomes geográficos. São almas de longe e de perto que acorrem, em prol deste povo de Ordins. A Caridade a todos nos une. São seminaristas dos Olivais e sacerdotes, Religiosas dos hospitais de Braga, Nazaré e Cantanhede. Vicentinas. O Sanatório de Celas vai a par da Senhora da Saúde do Caramulo. Ora leiam:

Duma vicentina de Lourenço Marques 100\$ para oferecermos um chale confeccionado pela Heroína de «Ordins é um livro» a «uma pobrezinha que dele necessita». Foi para a esposa dum moleiro de Fonte Arcada, em cuja casa tomou assento a Miséria, com maisculas. Ainda de Lourenço Marques (Aldeia do Guijá) 80\$00, sendo um todo nada para a «enterrada até às orelhas».

Agora os Açores com quatro chales. S. Jorge e Faial aqui vão. «Gostei da cor e achei-o bem feito».

Do continente figura, em primeiro lugar, Lisboa com 22 encomendas de todos os tamanhos. «Gostaria de poder ajudar bastante, mas sou empregada e a vida nem sempre corre bem. Envio um vale de 135\$ para um chale dos maiores». Senhora estrangeira faz também a sua encomenda, «pedindo a Deus que abençoe a Vossa Santa Obra que tanto nos tem ensinado no caminho da Caridade».

Um ror de terras seguem, de mãos abertas: Vizela, V. Nova de Gaia, Vi-lar do Ruivo (este colega no sacer-dócio de Cristo tem aparecido várias vezes, e sempre generosamente. Desta vez veio por 4 dos pequenos, com 300\$ na mão), Freixianda, Figueira da Foz, Gáfete, Cantanhede e Braga (ficaram tão contentes as doentes — toda a gente gosta deles. Já cedi um a uma Sr.ª Doutora que faz aqui serviços). Não quiseram ficar atrás Lousã (que Deus o abençoe e a obra que em tão boa hora encetou), Viseu, Estevalis do Mogadouro, Coimbra, Caramulo, Lourinhã, Geraz do Lima, Covas do Douro, Bombarral, Orvalhos, Ermeizinde e Bussaco.

De um colega: «Tenho lido com gosto, no «Famoso» o teu «grito original» dos Chales de Ordins, e o que é curioso é que também «enti frios»!... Logo que possa irei por outro para aquecer e cobrir outros «simpáticos frios, de que não tinha dado por ela, se não fôras tu, meu Padre...»

Um «eterno admirador da sua Obra» em Algeriz escreve: «Se os chales agradarem então pode contar com uma invasão e eu, com todo o gosto, serei o comandante, o orientador dessa mesma invasão». E eu a cuidar que isto era uma procissão... Freixo de Espada-a-Cinta segue equipado militarmente. Nazaré, com a boa Irmã Ana de Maria, vem fazer

MIRANDA

Estou de visita a Miranda. Já lá vão quatro anos e por essa razão lembrei-me de escrever uma crónica pequena para matar saudades do meu tempo do cronista desta casa. Era eu o chefe da nossa casa e mais tarde fiquei também com a chefia do nosso Lar de Coimbra.

Em Coimbra estudava e não me seria muito difícil conseguir o curso de professor. Era pois um rapazinho mais ou menos bem comportado. Aqui nada me faltava e só não era completamente feliz porque havia alguém que me trazia influenciado, que me incutia outras ideias, fazendo-me sonhar com a liberdade de que outrora fui vítima e que não obstante recordava com saudade, embora soubesse que essa liberdade me era prejudicial. A cabeça porém nem sempre regula bem e o corpo é que paga como é costume dizer-se. Cai! Fui-me embora da casa por minha livre vontade. Parti certo de que ia enveredar por mau caminho. Mas, o meu orgulho impeliu-me para diante e não quis voltar atrás. Já fui várias coisas e agora tenho o ofício de pintor. Cá fora é tudo diferente. O ambiente que se respira é bem outro e quem não tiver uma boa formação moral dificilmente consegue singrar na vida. Há os companheiros que nos arrastam para maus caminhos e quando nos deixamos dominar por eles, metemo-nos em becos em que não encontramos uma saída airosa. Temos de contar apenas com nós próprios. Falta-nos uma palavra que nos guie ao bom caminho e nos leve a renunciar certos prazeres, esquecendo-nos por vezes de que somos cristãos, temos uma alma a salvar.

No domingo depois da missa fui com os nossos rapazes da conferência fazer uma visita aos nossos pobres. Encontrei alguns em casas novas e muito asseadas, diferentes em tudo dos buracos imundos em que eram forçados a viver. Apreciei tudo e fiquei contente. Observei também os nossos confrades. Socorrem os seus pobres cheios de alegria e esforçam-se por transmiti-la aos seus protegidos empregando alguma palavra de conforto. Tudo isto me faz bem. Serve-me de exemplo, encoraja-me a lutar sem desfalecimento para que seja melhor. E agora que as minhas impressões já são muitas, vou terminar. Antes porém de o fazer, informo os nossos leitores de que tenho 20 anos e estou a pintar as nossas oficinas à pressa, pois quero acabá-las antes de ir para o serviço militar.

João de Torres Novas

O que nos dão no Tojal

Continuação da seg. página

Voltei em ida costumada ao quinto andar do Montepio e trouxe embrulhos com fatura. Trata-se de pessoas sérias que tudo guardam com

TRIBUNA DE COIMBRA

— Continuação da 1.ª Pág —

da sociedade, o lixo das ruas, os filhos de ninguém, os fugidos à polícia! Quem conseguiria alguma coisa, senão pela confiança e pelo amor?

Dá pena vermos ainda asilos, patronatos, colégios, internatos oficiais a regerem-se pelos velhos métodos tradicionais. São as formas, são os monitores, são os vigilantes, são os encarregados disciplinares, é tudo, menos o próprio rapaz ou a menina conscientes de si mesmos.

Padre Horácio

as pazes. Tem pena de Nazaré, no inverno, ser tão pobre e não poder encomendar mais e mais.

Outras terras e novos pedidos: Montargil, Macedo do Peso («é o quarto», escreve contente). Retaxo, Covilhã («não é para mim, mas simpatizando com a vossa obra, o meu desejo era ajudá-la, faço propaganda»). Fecha com o Porto («vi-os e gostei imenso»), trazendo cinco encomendas.

Como de outras vezes. Sanfins (Valpaços), Espinho e Sápara vieram também por chales, mas à cobrança. Em troca foi expedido um postal impresso, a dizer de medidas, cores, preços e «não enviamos à cobrança ou contra reembolso. Dirija os pedidos à Conferência de S. Vicente de Paulo—Ordins—Paço de Sousa». Precisam os leitores de poupar a nossa saúde e tempo. Um vale do correio, o pronto. A cobrança não peçam.

Mandem 125\$ (grandes), 95\$ (médios) ou 65\$ (pequenos). À disposição, há lá branca, rosa, azul celeste, cinzenta, azul marinha, castanha clara e escura, bege, cardinal e preta. Mencionem uma segunda cor, no caso da preferida estar esgotada.

23 tecedeiras esperam, diariamente, o vosso correio.

Padre Aires

esmero. Subam, pois ao Montepio e depositem roupas e calçado porque andamos em apuros para atender às queixas diárias dos rotos e descalços. Ali tomei conta de depósitos de 5.730\$ e 1.416\$.

Parece-nos que está a ser hábito (e por ser bom votamos pela continuação) a entrega em nossas casas do primeiro ordenado da vida. Um estudante de engenharia veio com dois mil escudos. Uma mãe com 1.308\$ do primeiro ordenado da filha. E ainda outro primeiro salário de 2.300\$. Junto a estes um aumento de ordenado, 50\$00.

A Nestlé com prestações de 220\$, 191\$20 e 175\$. A Mobilil com 1.530\$, e 1.420\$. Os empregados da Sonap com 130\$00 e 112\$50. O casal de Arroios com mensalidades de cem e o sigilo de sempre. E nós em pânico constante diante desta perseverança. No Lar roupas e cotins de alguém que vem todos os anos. Mais ali um donativo de 500\$ e quatro camisolas fruto de economias. Ainda em Lisboa um donativo de mil e cinco de 50\$ e um de 20\$.

Promessas entregues de 171\$60 e de 80\$. Pelo regresso dum filho 500\$. Na Graça um cabrito para juntar ao nosso rebanho. Desmentindo o dito que os jovens são inconstantes, dois deles com 300\$ habituais.

Da exposição póstuma de Carlos de Moura 4.425\$. Foi o sufrágio da mãe à memória do filho.

Do Alentejo um suíno pronto para comer. Bem haja quem é constante. O peditário da Igreja de S. João de Deus somou 34.890\$00. A porta da Igreja do Campo Grande 100\$00 do assinante 6.163 e mil de não sei quem. Um amigo do Senhor P.e Carlos com 50\$. Da F. N. P. T uma tonelada de trigo. Da Sociedade Luso Sueca uma Husqvarna tipo industrial que fez bater palmas aos alfaiates.

A Irmandade da Senhora da Conceição 100\$. Do Rio de Janeiro 377\$ da assinante 9.102. Outro universitário com 20\$ — sacrifício grande para bolsa pobre.

Mais 200\$ da assinante 4.700. Mais 70\$ e 100\$ de anónimos. Os correios da Avenida D. Luís com 100\$. Da Junqueira 231\$30. 20\$ em acção de graças. Alguém já deu com o novo Lar e carregou para ele com mercadorias e roupas. Para a nossa conferência 4.100\$ e 490\$. E desta vez mais nada.

Padre Baptista

COIMBRA

Não há dúvida nenhuma que o caso apontado na última crónica, a respeito daquela família pobre que tínhamos começado a socorrer, foi chocar o coração de muita gente, visto que têm chegado até nós bastantes donativos destinados à família citada, coisa a que não estávamos habituados pois recebíamos donativos só muito raramente. Primeiramente, em nome dos nossos Pobres, a todos que nos deram o seu precioso auxílio, um sincero muito obrigado. Contudo, não julgamos apesar disso, que o caso está resolvido. Não podemos descansar. Todas as vezes em que visitamos esta família, assim como outras, pedem-nos roupas, quer interiores ou exteriores para os filhos, assim como para as camas etc., e como esta muitas há a que é preciso estender a mão e amparar moral e materialmente. Já alguma coisa se fez. Os 19 meses de renda que estavam em atraso, estão já pagos. Uma vez que o chefe da família é pedreiro, compramos-lhe teijolos para consertar a cozinha. Conseguimos já que ele deixasse as bebidas alcoólicas.

Há pouco tempo ainda, numa das nossas reuniões, apareceu um caso afilitivo a que não podemos ficar indiferentes. Tratava-se de uma família com seis filhos, todos com menos de 7 anos, cujo chefe, organizador das colónias de férias, se encontrava doente, havendo sido submetido a duas operações a hérnias. Sem ordenado, como sustentar tanta criança?

Fomos e demos-lhe do dinheiro que tínhamos na ocasião. Logo após, surgiu-nos outro caso idêntico. Tinha adoecido o chefe duma família com 4 filhos, todos pequeninos. A mãe bate-nos à porta muito aflita, porque o homem ganha pouco e tem uma conta enorme na mercearia e estão sem dinheiro para comprar os remédios. Com o dinheiro que tínhamos, resolvemos esta afilção tão urgente de ser resolvida e tão enternecedora.

Nós temos a certeza, que procedendo assim estamos a trabalhar segundo o espírito vicentino. Ter o dinheiro parado, é contra o espírito das conferências e os estimados leitores façam também o juízo e vejam se não temos razão de nos afligirmos quando nos aparecem destes casos e nós sem lhes podermos valer.

Aumentamos o número de Pobres e as esmolas semanais ao fim do mês, importam em alguns centos de escudos, não contando com as rendas de casa, medicamentos, vestuário e outras esmolas eventuais.

Ultimamente recebemos: 15\$ na minha mão em Figueira de Castelo Rodrigo; 50\$ de Caldas da Rainha; 100\$, 30\$, mais 20 e mais 30 escudos de algures; mais dez; 100\$ de Lisboa. «...e espero vir a ajudá-los mais vezes, se Deus me der vida e a Sua Divina Graça».

Cá esperamos a generosa ajuda de quem quiser tomar-lhe o exemplo, porque, devemos aproveitar o tempo enquanto Deus nos dá vida para praticarmos as boas obras, visto que serão elas no Juízo Final o nosso Advogado de Defesa. Mais 200\$ «de quem muito quer à obra e pouco lhe pode dar» — e juntamente esta cartinha:

«Vão junto a esta 200\$ que serão para o pai doente dos pulmões e sem trabalho. Que o Bom Jesus nos conceda a graça de não cair em pecado mortal. Peço-vos mentalmente, uma Ave-Maria pela conversão dos meus e de todo o mundo».

Toda esta carta é cheia de Amor a Deus e ao Próximo. Que mais podemos querer de Deus do que a graça de não cair em pecado mortal?

Cheios de fé, esperamos que os nossos estimados leitores se aflijam connosco e aguardamos o toque de Deus nos corações generosos. Não podemos parar. Trabalhamos para um Portugal melhor, para um mundo melhor, embora primariamente para a nossa salvação. Não é do pé para a mão que isto se realizará. Há-de realizar-se; mas devagar e com a colaboração de todos.

—Foi há dias para Lisboa o nosso colega Afonso, para lá prestar serviço militar. De todos, os votos das maiores felicidades e que saibas sempre ser um soldado, um português e também um bom gaiato como Deus quer que sejas.

Carlos Manuel Trindade

LAR DO PORTO

—Foi embora a Senhora D. Isaura que esteve três anos junto de nós, por motivo de ser muito doente. Agradecemos os sacrifícios que por nós fez e auguramos-lhe muitas felicidades. Em sua substituição veio a Senhora D. Virginia que estava na Casa de Beiro.

—Agora é quem mais corre pelas escadas acima para jogar ping-pong, mas muitas das vezes chegam e não há bolas. Como alguns estão em forma e querem ser vistos pelo seleccionador os senhores não se esqueçam de nós.

—Nesta crónica também quero distinguir o Sr. Dr. Moreira da Cruz que nos trata gratuitamente, e algumas vezes com grandes sacrifícios para ele.

—Agora queria fazer um pedido, mas praticamente quem o faz é a Sr.ª D. Virginia. Era o seguinte: como cá em Casa há poucos retalhos e às vezes é preciso deitar um remendo em qualquer peça de roupa e não há. Não tenho bem a certeza mas acho que uma senhora de Ilhavo era costume mandar retalhos destes para o Lar de Coimbra. Aqui fica o pedido. As senhoras em vez de terem isso tudo aos montes em casa, enviem para o Lar do Gaiato — R. D. João IV, 682 — Porto ou então telefonem, pois nós vamos buscar.

—CONFERÊNCIA — Na última crónica que fiz para o «Famoso» fiquei bastante esperançado de que cairiam no cofre umas notas largas mas enganaram-me. Embora tivéssemos recebido pouco, também não foi mau de todo. Nós precisamos do auxílio de todos, não só de alguns leitores, pois o Barredo é muito grande e lá há muita miséria. Venham os senhores um dia com nós, que verão coisas que talvez nunca os vossos olhos viram e talvez nunca julgassem que existissem.

—Agora quero-vos contar um caso que merece ser destacado nas colunas do Famoso. Havia um pobre da conferência da Lapa, que todas as semanas era socorrido pelos seus confrades, e, depois destes lhe arranjam uma colocação, o homenzinho passou agora de auxiliado a auxiliador, pois todos os meses ajuda a conferência da sua freguesia com 10\$00.

Bonita lição a deste pobre, e se estas se pudessem multiplicar, talvez não houvesse metade da miséria que há.

Ao meu apelo responderam os seguintes leitores:

Dois anónimos de 50\$00 e outro número igual de 20\$00. Estes dão mas leitores: Dois anónimos de 50\$ e outro número igual de 20\$. Estes dão mas o seu nome não existe. Linda maneira de dar esta. O assinante 33.580 envia 20\$ para não ficar para trás. Duma anónima que ao comemorar o seu 78.º aniversário envia 78\$. Que lindo e feliz aniversário! E isto era um exemplo lindíssimo de seguir. Para a campanha «Tenha o seu Pobre» recebemos 150\$. Assina-se como de costume «Cruz», a carta é da Beira, se este nosso leitor lá distante pertence a esta campanha porque é que os da metrópole, não fazem o mesmo? E mais de Preciosa de Oliveira 10\$. Isto tudo em frente do Barredo é muito pouco, e portanto esperamos receber mais, e também era com alegria se recebéssemos novos leitores para a campanha «Tenha o seu pobre» com 10\$ 20 ou 30 escudos. Já era mais um pobre que nós socorriamos.

João Luciano